



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**TÂNIA BAUMANN**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-

**Entrevistado:** Tânia Baumann

**Nascimento:** 03 de janeiro de 1968.

**Local da entrevista:** Cia. De Arte

**Entrevistador/a:** Maria Luisa Oliveira da Cunha e Leila Carneiro Matos

**Data da entrevista:** 13.09.2012

**Transcrição:** Maria Luisa Oliveira da Cunha

**Copidesque:** Silvana Goellner

**Pesquisa:** Escola de Dança João Luiz Rolla

**Total de gravação:** 36 min e 54 seg

**Páginas Digitadas:** 14

**Observações:**

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Maria Luisa Oliveira da Cunha sobre a *Escola de Dança João Luiz Rolla*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Identificação; Data de nascimento e Naturalidade; Entorno Social; Carreira Escola de Dança do Professor João Luiz Rolla; Ambiente político da época; Estrutura das aulas; Professores da escola; Professor Rolla e os alunos; Perfil como professor; Espetáculos de Dança de "Rolla e seu balé"; Formação de Grupos independentes; A dança naquela época; Professor Rolla como precursor da Dança em Porto Alegre; Contatos de ex-alunas; Grupo em rede social (Facebook); Período após a formação o contato com o Professor Rolla; Relato final; Agradecimentos.

Porto Alegre, 13 de Setembro de 2012. Entrevista com Tânia Baumann a cargo do pesquisador Maria Luisa Oliveira, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte. Local: Cia de Arte Porto Alegre

M.C. – Tânia qual tua data de nascimento e naturalidade?

T.B. – Eu sou aqui de Porto Alegre mesmo, nasci no dia 03 de janeiro de 1968.

M.C. – Gostaria de tu falasse sobre tua família e entorno social. Tu moraste sempre aqui em Porto Alegre...

T.B. – Sim. Meu pai é de origem alemã, ele é alemão e veio pra cá criança. Minha mãe é brasileira, já faleceu. E eu nasci e morei muitos anos, quando criança, no Bairro Petrópolis em uma rua chamada Eça de Queiróz. Então digamos que a maior parte da minha infância foi por ali, naquela zona ali. Meus pais eles... Meu pai foi sempre muito ligado à cultura, sempre trabalhou com isto de algum jeito, embora a formação dele tenha sido outra de engenheiro ele sempre gostou muito. E ele nos levava muito quando criança a teatro, a cinema. Cinema menos, mas a muito teatro infantil. Eu tenho mais irmãos nós somos quatro no todo. Então a gente tinha sempre um contato com a arte bem bom que eu acho que vem de família uma herança da família mesmo.

M.C. – Tu és casada?

T.B. – Não

M.C. – Me fala então da tua carreira...

T.B. – É, nesta coisa da minha família ter contato com arte, de ir a teatro e tal, eu quando era criança me colocaram em uma escola de dança. Naquela época existiam poucas, opções digamos, assim em Porto Alegre. Claro todo pai quer botar sua filha numa escola boa e tal e a minha mãe procurando encontrou a escola do João Luiz Rolla que já, na época, era... funcionava ali no Araujo Viana. Ele já tinha um nome nesta época e isto foi lá por 74, eu acho que foi 74,75. Ele já tinha a escola há bastante tempo e já tinha um nome como escola de ser um professor cuidadoso. Uma escola bem formal com alguns anos. Começava com criança. Então minha mãe me colocou ali e foi assim que eu tive meu primeiro contato, digamos, com a dança. Teve uma particularidade

nisto, que foi o fato de quando eu era criança eu tinha os pés, eu tinha problema nos pés, problemas ortopédicos, e naquela época os ortopedistas indicavam muito fazer balé (riso) à gente acho que mudou um pouco. Mas na época pro meu problema que era ter os pés um pouco voltados pra dentro o ortopedista além de usar bota me indicou, indicou pra minha mãe que eu deveria fazer balé e nisto ela foi procurar a escola e tal. E eu acabei entrando na escola do Seu Rolla.

M.C. – Quanto tempo tu dançou lá?

T.B. – Eu fiz toda a escola. Digamos eu entrei em 74,75 e fiz oito anos... nove anos sai de lá em 82 acho que minha formatura foi nesta data. Eu fiz toda a escola.

M.C. – Que modalidade tu dançavas?

T.B. – Seu Rolla era uma escola de Balé Clássico era isto que ele ensinava. Então a gente tinha durante o curso contato com folclore brasileiro quando a gente era criança. Porque ele trabalhava muito com as crianças essa coisa de cantigas de roda e tal. Ele era muito eclético nos seus gostos então tu ias avançando na escola e tu ias te aproximando de outros estilos assim... até de certo moderno. Ele gostava assim de explorar um pouco. Mas a formação toda era em balé clássico. As aulas eram de balé.

M.C. – Tu te lembras, ou teus familiares comentam, como era o ambiente político desta época quando tu estavas na escola?

T.B. – Não tenho muita lembrança desta época. Claro hoje em dia eu olho pra trás e vejo os anos, 68 eu nasci... 70 e poucos ... bom enfim vem um monte de coisa na cabeça mas na época eu era criança. Eu estava muito interessada enfim a fazer escola, dançar. Eu curtia muito aquela história lá.

M.C. – Quantos anos tu tinhas quando terminou a escola?

T.B. – Pois então eu entrei com seis anos mais ou menos... seis, sete anos por que ele pegava crianças a partir desta idade e fiquei lá uns nove anos. Agora o que eu me lembro muito é de passar muitas tardes no Araújo Viana. Eu conheço muitos recantos do Araújo Viana digamos... eu tinha uma coleguinha lá... a gente explorava aquele auditório e o entorno ali nós passávamos à tarde nesta história fazendo aula de dança aí

saía da aula ia brincar no palco do Araujo Viana. O Araujo era todo nosso e começava a explorar por lá ... enfim... me lembro disto muito.

M.C. – Tu te lembras como eram as aulas?

T.B. – Tinha uma organização que hoje em dia eu olho bem... enfim como uma estrutura de balé... uma aula de bale clássico mesmo, uma barra e depois o centro à medida que você ia ficando adiantado passando os anos às coisas iam ficam um pouco mais complexas digamos assim. Aí eu me lembro que pro exame final a gente tinha uma parte que era de atuação... Coisa tipo de mímica enfim... é... Você compunha uma coreografia pro seu exame final... Então mas as aulas tinham uma estrutura como tem qualquer aula de bale assim... a aula tem uma sequencia bem digamos formal os exercícios vem um depois vem outro todos eles tem uma nomenclatura todos eles... Aulas de bale é muito tudo... Segue uma estrutura que já está há muito tempo feita...

M.C. – Tu só fazias aulas com o professor Rolla?

T.B. – As aulas quando a gente era criança nem eram com ele porque ele só trabalhava com o pessoal adiantado. Ele tinha as professoras que eram alunas antigas que ficaram e depois se tornaram professoras na escola. E eu não sei te dizer exatamente quantos anos você ficava tendo aula com estas professoras até chegar às mãos dele. Mas ele era uma presença constante na escola, seu Rolla estava sempre presente lá. Então a gente era criança e via ele lá de sapatilha. Tinha sua mesinha, organizando suas coisas e conversando. Assim para mim na infância ele era uma figura muito presente.

M.C. – Como era o contato dele com vocês com as alunas crianças?

T.B. – A gente tinha contato mesmo com as professoras... Mas com esta coisa de ele estar ali presente, eu acho que este era o contato. Na verdade acabava se tornando meio que uma referencia... Pelo menos para mim foi assim. Então eu fazia as coisas muito voltadas para ele poder ver para ele perceber, aquela coisa de aluno que quer que o professor olhe e te diga alguma coisa. Enfim eu me lembro que eu tinha esta relação com ele, de criança de querer chamar o olhar dele, eu admirava muito ele, a gente admirava... Não sei eu falo a gente porque eu acho que era uma coisa bastante latente na

escola dos alunos de uma mistura de respeito de e admiração por ele... Então era muito forte a figura dele dentro da escola.

M.C. – A partir do momento que tu passaste a ser de fato aluna dele como foi esta relação?

T.B – Ai esta relação se aprofunda... porque daí tu entra em contato direto com o mestre ele esta de dando aula e tu tem mais contato. O seu Rolla de qualquer maneira... eu me lembro que nos espetáculos de final de ano ele tinha uma coisa muito... Ele olhava tudo. Ele era muito meticoloso, muito detalhista. Então por exemplo uma coisa que ele fazia, ele colocava as alunas com a roupa já que ia dançar, colocava todas as alunas em cena, enfileiradinhas, para ver se estavam todos vestidos da mesma altura se não tinha nada errado... E olhava e tal... Ele era muito cuidadoso. Ele tinha uma coisa muito legal que eu acho de um professor ele conhecia todos os alunos. Ele sabia quem eram. Ele podia ter uma relação diferente contigo do que com outro, mas era uma relação muito pessoal com os alunos. Eu não posso dizer que ele me tratava como ele tratava todos os outros. Mas a cada um ele tratava de uma forma diferente como as pessoas são diferentes isso é... Hoje em dia eu olho isso assim eu acho muito legal isto assim você conseguir na sua cabeça de professor enxergar o aluno como uma pessoa um ser único. Para mim era muito importante eu tinha uma relação muito forte com ele eu sempre fui aluna querida. Sempre gostei muito de trabalhar e de dançar e ele prezava esta coisa da pessoa que era disciplinada que gostava de trabalhar tinha um perfil que nos aproximava de algum jeito... Uma relação bem legal.

M.C. – Qual era o perfil dele como professor?

T.B. – Eu acho que era isso. Ele era uma pessoa bem exigente de certa forma. Bem meticoloso, detalhista ele prezava muito a pessoa que se esforçava, que mostrasse esforço em fazer as aulas e durante o trabalho se dedicasse. Ele dava muito valor a isto a dedicação do aluno. E eu era uma aluna extremamente dedicada, não faltava nunca às aulas para mim era... Faltar uma aula era um episódio muito fora da minha rotina não faltava nunca e ele dava valor a isto... Ao aluno que está sempre presente que quer aprender que se dedica que trabalha que se esforça... Por que ele era assim provavelmente eu acho que refletia um pouco como ele fez a formação dele enquanto

aluno. Como professor ele tinha isto ele valorizava estas características assim e incentivava quem mostrava esta dedicação quando ele sentia que aquela pessoa queria dançar talvez até se tornar bailarino qualquer coisa assim ele incentivava.

M.C. - Vocês faziam espetáculos todos os anos? Trabalhavam um tema específico?

T.B – Todo ano. Era o ponto alto. Mas não era tão assim... Eu não sei te dizer em que época do ano mais ou menos, mas as alunas participavam das coreografias. Estas coreografias foram coisas que o Seu Rolla ia criando, mas que depois começaram a serem repetidas porque os espetáculos em si com as crianças geralmente tinham um tema, tinha uma história um tema. E aí varias turmas faziam coreografias dentro daquele tema, por exemplo, o meu segundo ano, ou terceiro ano não me lembro mais, eu era o acrobata no circo, então a minha turma mais ou menos faziam os acrobatas. Ai tinha outra turma que fazia os equilibristas, tinha outra turma que fazia os palhaços, e assim ia... E era aprender aquela coreografia eu não sei te dizer quanto tempo à gente dedicava assim... Realmente não vou saber te dizer... Mas não era uma coisa do ano inteiro. Seu Rolla focava muito nas aulas... Era coisa de fazer aula.

M.C. - Que espetáculos tu participastes que te marcaram e que tu lembras com maior clareza?

T.B. – Nossa eu me lembro de todos eu acho... (risos) eu me lembro do meu primeiro espetáculo que eu fui alguma coisa como um jardineiro uma coisa assim. Me lembro deste do circo que eu fui acrobata... Nossa eu adorei ser acrobata porque na época, quando eu era criança eu fazia ginástica olímpica, depois eu larguei a ginástica olímpica em função do bale quando começou a não compatibilizar mais os horários e tal... Mas era uma coisa que eu gostava. Então aquela coisa do acrobata eu achei ótimo. Depois a gente vai avançando nos anos e vai... coloca as pontas e ai vem àquelas coisas mais românticas que ele gostava muito [palavra inaudível] teve dançando com arco e ai tinha uma parte quando você já estava um pouco mais avançada que você dançava mais de uma coreografia. Então você participava digamos na segunda parte do espetáculo com a coreografia da sua turma e tinha outra parte talvez à terceira parte, agora não vou saber te dizer em que por exemplo ele montava algumas partes de copélia . Então você dançava a mazurca de copélia então você participava em duas coreografias. As coisas



eram muito organizadas assim, ele era muito organizado ele tinha esta característica sim. Então era tudo: “Ah! você avançou mais um ano, então você dança mais uma coreografia. Agora você avançou mais um ano então você dança já com as maiores.” E assim ia. Assim ele ia estimulando e construindo.

M.C. – Tinha algum grupo específico, ou era Companhia do Professor Rolla, ou como chamava o grupo?

T.B. – Pois é... Teve uma época que existia um grupo... Pois é, essa é uma parte super nebulosa para mim porque eu participei um pouco, mas depois logo viajei. Eu me lembro que teve uma época que eu participei de um grupo que era das gurias que eram formadas pelo Rolla. Porque o que acontecia, às meninas se formavam, mas continuavam na turma de adiantadas. Então eventualmente tinham alguém que coreografava... Lembro que a Laura<sup>1</sup> coreografava. É, e essas pessoas tinham seu espaço dentro desse espetáculo e depois teve um grupo que um pouco se independizou, digamos assim, e começou a trabalhar fora dos espetáculos da escola. Mas esse grupo depois se dividiu e se transformou em dois grupos, essa parte toda que... Meio confuso assim para mim. Mas eu me lembro que eu participei de um deles que se chamava Bale de Câmara do Sul<sup>2</sup>... É não sei te dizer quanto tempo durou... Não vou te dizer também quem exatamente dirigia... que são as coisas para mim que não posso falar porque eu não tenho certeza. Mas talvez juntando as pessoas todas da época a gente consiga sim... Eu própria consiga me esclarecer um pouco... Então eu não sei quanto tempo durou isso porque daí chegou uma época eu meio que me desliguei, enfim, fui fazer as minhas histórias, eu queria seguir dançando, já achava que Porto Alegre não tinha mais muita opção. Queria viajar e comecei a investir nisso assim... Mas tinha, tinha esse grupo de adiantadas que eram gurias que já tinham se formado, algumas professoras até e que dançavam.

M.C. – Ele era um grupo acompanhado pelo professor Rolla ou ele realmente ele era independente da escola?

---

<sup>1</sup> Laura Maria Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla formada em 1972.

<sup>2</sup> Grupo proveniente de ex-alunos da Escola João Luiz Rolla. MEIRELLES, R. & MANTELLI, G. (Orgs.). Trajetória de uma sapatilha: 50 anos de Dança de João Luiz Rolla. Porto Alegre: Nova Prova Gráfica e Ed., 1989. 90 p.

T.B. – Não, eu acho que no início principalmente ele era bastante vinculado à escola, não sei nem se não era o Seu Rolla que dava aula para essas meninas também. Daí eu já não vou saber te dizer também. Eu sou uma péssima entrevistada porque eu sou muito desmemoriada. Eu sou uma pessoa totalmente sem memorização assim... horrível. Mas enfim.

M.C. – Ao final do período em que tu estavas concluindo o curso como a dança era vista naquela época? Participar de um grupo ou dançar em uma escola...

T.B. – Sabe que aqui em Porto Alegre sempre teve uma coisa muito pouco profissionalizada, tanto que até hoje a gente não tem uma companhia oficial, não porque eu ache que tenha que ter, mas enfim a gente não tem. Então a gente não tem um teatro municipal que tenha o seu corpo de baile, não tem uma escola municipal ou estadual enfim, que forme bailarinos, então essa coisa da profissionalização aqui é bem... Bem pobre assim. Eu acho que naquela época de uma forma geral na sociedade as pessoas não colocavam as suas filhas numa escola de dança para se tornarem bailarinas. Assim como eu acho que hoje em dia isso também não é o mais comum. Na época eu acho que as pessoas pensavam muito naquela coisa: ai menina então para ficar mais, enfim, para aprender alguma coisa, ficar mais delicada, enfim, coloca no piano ou coloca na dança, ah e os meninos? Ah os meninos, sei lá, coloca no judô, aquela coisa assim. Eu acho que na época funcionava muito assim quando eu era criança. Não sei até que ponto mudou hoje porque a nossa realidade aqui no país não permite muito que tu veja essa profissão bailarino muito claramente, é... profissão significa que você vai viver daquilo, financeiramente você vai se sustentar com a sua atividade. Além de você dedicar digamos assim o seu tempo àquilo o seu trabalho. Eu não sei até que ponto o artista no Brasil já é reconhecido de forma ampla como um trabalhador.

M.C. – Tu lembra ou tu podes contribuir com o questionamento que diz respeito ao professor Rolla ser o primeiro professor homem de balé na cidade ou ser o precursor da dança, tu tem alguma coisa nesse sentido que tu possa contribuir nessa entrevista?

T.B. – Olha, eu acho que ele foi um precursor assim em muitos aspectos, essa coisa de ter dançado numa época em que era bem difícil aqui ter homens dançando, ver homens dançando já foi um primeiro ato de rebeldia dele eu diria assim. Porque não era uma

época comum para um homem decidir ser bailarino ou ser professor de dança. Hoje em dia eu acho que ainda é difícil. Os meninos têm que ficar adultos para assumirem que querem ser bailarinos. É muito incomum um pai querer botar o seu menino numa escola de dança aqui no Brasil. Eu diria que não é nada comum. Naquela época então o seu Rolla assumiu isso de querer dançar primeiramente e depois se tornar professor. Era um mundo que era, como hoje ainda é, bastante dominado pelas mulheres. A gente tem muito mais professoras e bailarinas se a gente for comparar quantitativamente do que homens dançando. E acho que ela foi um precursor também e principalmente como artista porque ele tinha umas idéias bastante avançadas para época. Não só por isso, não só por suas opções pessoais, mas também pelo fato dos espetáculos que ele montava, das propostas que ele trazia para cena, das músicas que ele usava, embora ele gostasse muito, por exemplo, do balé romântico e tudo isso, ele trazia outras coisas, outros compositores “Béla Bartok”<sup>3</sup>, “Schumann”<sup>4</sup>. Então ele saía um pouco do que seria o mais fácil digamos de ser digerido. Ele abriu as portas muito aqui no sul para essa carreira do homem bailarino. Pela sua presença, pelo seu feito. Eu acho que num primeiro momento isso aqui em Porto Alegre, como eu estava ouvindo esse tempo uma entrevista dele, ele mesmo comentando que ele não sentiu resistência. Eu acho que houve um choque talvez no primeiro tempo que isso é uma coisa nova e tudo que é novo chama atenção um pouco, mas a escola dele começou a receber muitos, teve uma época que teve muitos alunos, muitas meninas, então eu acho que foi absorvido essa coisa de ter um professor homem, embora tivesse algumas outras opções de mulheres dando aula, como a dona Marina, a própria dona Toni dava aula já naquela época, ele teve muitas alunas, então alguma coisa tinha que a sociedade de certa forma aceitou e queria, enfim, as mães queriam que suas filhas estudassem com ele. Ele conseguiu se impor. Isso é muito interessante assim como fenômeno na cidade.

M.C. – Tu terias para nos passar Tânia, pessoas que tu acredita que teriam ainda mais a contribuir para recontagem da história, pessoas que tu acha que também seriam importantes dar uma entrevista e falar sobre o professor Rolla?

---

<sup>3</sup> Béla Viktor János Bartók de Szuhafő (Nagyszentmiklós, 25 de março de 1881 – Nova Iorque, 26 de setembro de 1945) foi um compositor húngaro, pianista e investigador da música popular da Europa Central e do Leste.

<sup>4</sup> Robert Alexander Schuman(Zwickau, 8 de julho de 1810 — Endenich, Bonn, 29 de julho de 1856) foi um músico e pianista alemão.

T.B. – Nossa, mas eu podia te dizer muitas... (risos) Porque têm todas as ex-alunas, aquelas...

M.C. – Se tu disseres os nomes agora vamos registrar e depois se tu tiveres os contatos, melhor será.

T.B. – É eu acho que seria interessante ter os nomes dessas pessoas mais antigas, que são que tem mais idade que eu e conviveram com ele em outras épocas, enfim. Ai tem a Regina Guimarães<sup>5</sup> que teve lá no dia.. que é uma das antigas. Tem a Vera Ruschel<sup>6</sup>, tem a Nani Ruschel<sup>7</sup>, tem a Carlota Albuquerque<sup>8</sup>, tem a Leta Etges<sup>9</sup>, ai tem essas, tem esse outro pessoal que eu não convivi, eu não conheço muito, mas eu sei que tão latentes porque eles têm, as meninas têm um grupo no facebook e elas se comunicam, se encontram. Eu faço parte do grupo, mas eu meio que não, enfim, não interajo muito. Mas ali tem vários nomes que são nomes que eu sei que existem, mas que são pessoas que eu não conheço. Então agora não consigo nem me lembrar dos nomes. Mas enfim...

M.C. – Mas do grupo especificamente tu poderia me dizer o nome do grupo do facebook? Tem um nome específico?

T.B.: Eu acho que elas colocaram Rolla e seu balé, eu não tenho certeza, mas eu acho que é. Rolla e seu balé era o que ele sempre usava nos cartazes e tudo, era assim que... era esse emblema lá da escola, sempre foi isso. Esse contato do grupo eu tenho, posso passar para vocês com certeza. É que se eu for começar a dizer nomes aqui eu vou me atrapalhar, são muitos, e vou deixar gente de fora que pode ser muito interessante para vocês, que eu talvez não conheça, mas que sabe... Gente mais, por exemplo, naquele dia da exposição, estava lá à sobrinha do seu Rolla e ela encontrou uma pessoa que foi da época dela... Manu<sup>10</sup> eu acho, e que ela comentou comigo, é uma pessoa que tem uma memória maravilhosa e que saberia... Eu acho que é Manu, talvez, não tenho certeza. Manu, Malu... E ela comentou que é uma pessoa que tem uma memória super legal e

---

<sup>5</sup> Regina Adylles Endler Guimarães, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>6</sup> Vera Lúcia Ruschel, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>7</sup> Eliane Beatriz Ruschel, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>8</sup> Carlota Christina Macedo de Albuquerque, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>9</sup> Maria Celeste Spolaor Etges, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla.

<sup>10</sup> Nome sujeito a confirmação

que registrava tudo, sabe. E tem a Aparecida<sup>11</sup>, Aparecida foi minha professora, ela era muito querida do seu Rolla e ela está nesse grupo também, eu já vi umas fotos dela nas jantãs e tal. Então assim não vai ser difícil localizar sabe e eu acho que tem assim, vocês não vão ter nem tempo para entrevistar todo mundo. (risos) Tem muita gente, muita gente.

M.C. – Do momento depois que tu terminaste o período da escola do seu Rolla e que tu começou então a fazer teus cursos, buscar carreira mesmo, consolidando a tua parte profissional, tu ainda teve um contato, tu sabe como foi à vida do seu Rolla a partir daí, vocês tinham alguma ligação ainda?

T.B. – Ah sim, sim, o que aconteceu foi assim, eu fiquei mais um tempo aqui em Porto Alegre e depois eu fui morar no Rio e depois do Rio eu fui morar fora, e aí eu fiquei uns anos nesse trânsito enfim, fora e vindo e fora e sempre que eu vinha a Porto Alegre, sempre que eu estava por aqui um tempo eu visitava ele. Ele na época morava ali na Osvaldo Aranha, em cima da Lancheria do Parque, naquele prédio ali. E eu visitei ele muitas vezes porque eu tinha essa ligação com ele assim, de discípula, de aluna, de ex-aluna, e gostava muito de visitar ele e a gente fazia uns encontros, ele gostava, o Seu Rolla tinha duas coisas que ele gostava muito: - falar sobre dança claro, contar às coisas que tinham acontecido com ele, que ele tinha visto, e tudo isso, as coisas que vieram que tiveram na cidade que ele teve a oportunidade de ver e - falar sobre Porto Alegre. Porque ele viveu muito a Porto Alegre, a época da Boemia, ele tinha muita história, gostava de reviver isso, contar. E os nossos encontros era muito isso então, ele tinha uma biblioteca que naquela época estava com ele, na casa dele, ele tinha fotos, então era isso que a gente fazia. Eu ia para lá ele mostrava algum livro mostrava algumas fotos, a gente tomava chá, ele me contava coisas de Porto Alegre... É... De viagens eventualmente que ele tenha feito ao Rio e coisas de dança. Isso foi muitas, muitas, muitas vezes assim. Para mim era... Assim impossível vir a Porto Alegre sem visitá-lo. Teve uma época que eu me lembro, eu ia lá assim... Foi uma época que eu passei aqui mais tempo... Eu ia uma vez por semana eu ia lá, a gente tinha marcado isso. Era uma

---

<sup>11</sup> Maria Aparecida Ribeiro Agustoni, ex-aluna da Escola de Dança João Luiz Rolla formada em 1971.

coisa assim, eu ia lá e passava à tarde com ele, tomava chá, levava bolachinha, aquela coisa toda. Aquelas coisas... Referências que tu tem de criança... Assim que tu não quer perder o contato porque coisas boas, lembranças boas que tu tem. Eu sou muito grata assim ao Seu Rolla porque hoje em dia eu tenho mais certeza ainda de uma coisa que na época enfim era tão latente assim, que... fazer uma escola de dança faz absolutamente toda a diferença na tua carreira de bailarino. Porque na escola de dança não é só que tu aprenda a dança, os passos, é toda uma experiência que tu tem e tu aprende disciplina, tu aprende conduta, tu aprende a te relacionar, tu aprende a reconhecer essa formação do bailarino como uma coisa importante para ti. Então assim, como qualquer escola, uma criança, o que ela está fazendo na escola... Ela não está só estudando um conteúdo, ela está aprendendo mais um universo de coisas assim. O bailarino, principalmente o bailarino clássico, ele começa criança porque é uma carreira que exige muito e onde não é só a técnica em si, não é só, não são só os passos que tu aprende, tu quando criança começa a trabalhar essa coisa da memória fotográfica, tu comesças a trabalhar essa coisa da musicalidade só por ouvir a música porque no balé tu trabalhas por um tempo com música clássica então a criança vai acostumando o ouvido... Onde ela faria isso hoje em dia? Tu aprendes a obedecer a uma disciplina que é da escola... Não porque tu tenhas que seguir ordens, mas tu aprendes a te movimentar dentro de um contexto onde... O teu espaço, mas tem o outro espaço, tem o outro, tem o outro, tem o outro, está dançando com o grupo... Quer dizer, isso tudo para o bailarino é muito importante. Tu comesças a te localizar, não só no palco, mas como tu te movimentas fora do palco... Como tu te relacionas com as pessoas, então isso é muito legal em uma escola. Isso aí tu aprende quando tu és criança, quando tu estás dentro de uma escola, tu vives aquilo. Ninguém está te dizendo como tu tens que ser tu está vivendo aquilo dentro da escola... Hoje em dia eu olho assim eu digo: “Nossa, que afortunada que eu fui. Eu pude cursar uma escola de dança, eu fiz nove anos em uma escola.” Hoje em dia tu chega em qualquer lugar de dança, eu chego em um lugar de dança eu sei como me comportar, digamos assim. Eu sei qual é o que movimenta como é que aquilo ali funciona, como que eu posso encontrar o meu espaço dentro daquilo. Vou para qualquer lugar do mundo fazer aula, chego em uma aula, nunca vi o professor, nunca vi ninguém, vou entrar naquela aula eu sei o que eu tenho que fazer. Eu pego humildemente e vou lá para o fundo... Sem conhecer ninguém, vou lá para o fundo, me coloco lá, começo a observar, ver

como é que é a dinâmica da aula, como é que funciona. E eu acho que assim tu vais conquistando os espaços... Isso tudo acontece, tudo isso acontece dentro de uma escola. Na tua relação com professor, na relação com os teus colegas, então essa coisa é muito importante para o bailarino. Essa oportunidade de cursar uma escola.

M.C. – Estamos chegando ao término da entrevista e eu gostaria de deixar este momento para o teu registro final

T.B. – Deixa ver... Com relação ao Seu Rolla é isso assim, eu sou muito grata a ele assim, realmente... Aquelas coisas que não tem preço... (riso). São anos que tu convives com uma pessoa que é uma referência para ti e é uma pessoa muito correta. O Seu Rolla era muito correto, muito franco assim, no seu conhecimento inclusive... Ele não ensinava alguma coisa que ele não soubesse. Então isso é muito legal porque isso passa confiança para criança. A criança é muito perceptiva, ela percebe assim no ar, se aquela coisa ali é um ambiente que ela pode se soltar, se entregar ou não... A criança tem isso muito latente pelo que eu percebo no meu próprio trabalho com as crianças assim. Seu Rolla conquistava as pessoas pela sua franqueza, por essa abertura que ele tinha, por esse pé no chão... Eu hoje em dia quando eu penso em numa escola, na nossa própria escola assim eu me espelho muito nele, nisso que eu aprendi com ele... O mais importante não é formar o bailarino, o mais importante é aquela pessoa que está ali na tua frente. O bailarino pode acontecer se for para ser assim, se aquela pessoa quiser... Enfim, todo um contexto para no Brasil tu te tornar um artista. Mas o mais importante dentro da escola é aquela pessoa ali que tu está trabalhando. Ela vai absorver o que tu disser, tu és o professor, tu tem certo... Entre aspas, certo “poder” digamos assim, tu estás ali às pessoas tão te dando atenção, aquelas crianças, aqueles alunos. Então é como que tu te coloca nisso... Se tu usa aquilo ou tu te da conta que tu estás ali só para ser um instrumento para aquela pessoa. Isso aí são tudo coisas que hoje em dia eu penso no Seu Rolla eu tenho... bah, muito carinho assim por ele.

M.C. – Gostaria de te agradecer em nome do CEME, a tua disponibilidade em nos conceder esta entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]